

**Boletim informativo da Federação Portuguesa  
da Ordem Maçónica Mista Internacional Le Droit Humain**

# © DIREITO HUMANO

*Solstício de Verão de 2013, Ano 4, nº 9*



**Neste número:**

Editorial

Balanço de um veneralato

O Ritual em loja – A ordem a partir do caos

Silêncio e Cidadania

Liberdade e Democracia

O Espelho

O Acender das Luzes

A Indignação e a Arte

A Importância da Educação no Futuro da Humanidade

Nova Constituição Internacional e a Declaração de Princípios

Abreviaturas maçónicas

Poesia maçónica: “A Minha Loja Mãe” de Rudyard Kipling

Imagem da capa: Reprodução da pintura “Alquimia” de Maria Azenha

Editora: Maria de Fátima Pires – Presidente do Conselho Nacional

Grupo de trabalho do boletim informativo:

Maria da Graça Gomes, M.:P.:G.:C.:

Manuel Garrido

Raquel Reininho

Grafismo: Manuel Garrido

Participaram neste número todas as Lojas da Federação Portuguesa

Colaboradores neste número: R.P., R.R., Carla Batista, Margarida Morgado, José Henrique, Ilda Batista, Maria Eva Machado e Maria José Tavares.  
*(alguns participantes preferiram manter o anonimato)*

Cada artigo mantém a nova ou a antiga ortografia usada pelo autor.

Contacto para sugestões e colaborações: [dhpt@sapo.pt](mailto:dhpt@sapo.pt)





Minhas queridas Irmãs e meus queridos Irmãos,

Eis o nosso Boletim, renovado, como renovado e reconstruído tem que ser o mundo em que vivemos.

Não é só a imagem que muda, a partir de agora, esta nossa publicação passará a ser editada pelo menos duas vezes por ano, coincidindo com o Solstício de Verão e com o Solstício de Inverno.

Que as participações de todas as Lojas neste Boletim, através do envio de textos, marquem proficuamente estas datas do ano, é o meu desejo.

Aliás, o sinal dado pelas Lojas para este Boletim é exatamente no sentido de que a colaboração existirá de forma notável no futuro.

Neste Boletim, podemos encontrar oito peças, enviadas pelas oito Lojas, às quais não posso deixar de agradecer pessoalmente, bem como aos seus membros, pois, perante o desafio de enviarem um trabalho, todas o aceitaram e prontamente responderam com um texto.

As peças que aqui irão encontrar, Irmãos e Irmãs, são o espelho de um ano de trabalho das Lojas, que em 2013 e entre muitos outros assuntos, trabalharam sobre dois grandes temas: “A Corda e os Laços do Amor” e “O Estado Social e a Maçonaria”.

Refletimos todos sobre como a Maçonaria é a partilha de valores como a Justiça, a Solidariedade, a Liberdade e a Igualdade; sobre como a Maçonaria é uma escola de conduta ditada por rigorosos ditames morais de bom comportamento moral e cívico que o Maçon transporta para a comunidade onde vive.

Nessa medida, a Maçonaria é fundamental para a tão necessária mudança de paradigma social que urge levar a cabo, recolocando o valor “ser humano” no centro do mundo.

Ao longo deste ano, aprendemos que devemos ser parte activa nessa mudança e que devemos fazer isso com paciência e serenidade, aprendendo o sentido do equilíbrio.

São estas reflexões que todos fizemos em 2013 que podemos encontrar ao longo deste Boletim e que devem reflectir-se na nossa Convenção de Junho de 2013.

Recebam o meu forte TAF.

Maria de Fátima Pires

Presidente do Conselho Nacional

# EDITORIAL

**Boletim informativo da Federação portuguesa  
da Ordem Maçónica Mista Internacional Le Droit Humain**



# Contribuição da Respeitável Loja Humanidade Balanço de um venerato



**HUMANIDADE**  
R.:L.: nº 1294



QQ.: Irlr.: e lala.:

Logo no início do meu mandato, tendo-me sido pedida uma reflexão sobre o cargo, procurei, nessa minha reflexão, trazer os meus próprios pensamentos, mas como praticamente nada sabia sobre o tema do qual era suposto falar, fui ler antes o que diziam alguns VV.:MM.: que me inspiraram.

Como hoje, passados três anos, continuo, não na mesma, mas ainda mais persuadida de que nada sei sobre o cargo, fui reler o que na altura escrevi.

Hoje, leio mais criticamente essas outras palavras:

“Os Irmãos de uma Loja Maçónica reúnem-se em busca do melhor de si na aprendizagem de uma convivência fraterna. Compete ao Venerável estar à altura de criar condições para que o grupo se mantenha unido e dedicado a um esforço pelo qual nada espera, para além do encontro consigo mesmo na imagem espelhada de cada Ir.: e la.:.”

Mantenho as palavras, mas acrescento que os Irlr.: e lala.: se reúnem em busca não apenas do melhor, mas também do pior, porque só reconhecendo todas as nossas partes podemos ser íntegros, e sublinho a expressão “aprendizagem”, porque é disso que se trata. É, aliás, mesmo disso que se trata, e se o tivermos bem presente estaremos defendidos da decepção, porque sabermos que não é a fraternidade que sempre praticamos, mas a aprendizagem dela. O facto de sermos aprendizes da fraternidade não nos diminui. Receio mais os que se consideram mestres da fraternidade.

Escrevi também na altura: “A ação do V.:M.: deve inspirar os Irlr.: e lala.: não apenas ao nível das ideias, mas também do coração. Os relacionamentos assumem regra geral características muito mais emocionais do que racionais.”

Também isso não faltou por cá. Emoção, emoção, emoção. Muitas vezes mascarada de razão. E irracionalidade, às vezes mascarada de emoção. Tudo isto vivi, a tudo isto assisti. Nada de novo debaixo do sol.

Considero de importância crucial algo que já na altura intuía:

“O plano de Trabalho do Venerável Mestre deve ser entendido como o conjunto de realizações que tem o consenso do grupo, já que não é possível trabalhar contra os Irlr.: mas com eles.”

Acrescento hoje: porque não é perfeito e só sabe uma parte.

Muitas vezes se confunde o ser com o símbolo.

Volto a citar: “O V.:M.: não tem de ser, nem é perfeito, mas deve saber reconhecer quando se afastou do ideal; não para se punir, mas para crescer e ajudar a crescer.”

Nada mais inspirador do que a verdade, ainda que esta não seja propriamente gloriosa.

Escrevi na altura algo que pressenti e reforço-o hoje com ainda mais convicção, porque o observei: “O preceito de que o V.:M.: não deve ser repreendido, enquanto no exercício das suas funções, por nenhum Ir.:, mais do que acentuar um poder discricionário, deve ser entendido como, representando o V.:M.:, tal como os outros OfOf.:, uma projeção de um arquétipo existente em cada um de nós, entendendo este preceito, para além de criar alguma ordem nos trabalhos, e uma forma de respeito pela L.: em si, que o V.:M.: representa, mas acima de tudo entendendo isto como uma oportunidade de controlarmos a constante autocensura e pensamentos depreciativos que temos em relação a nós próprios. Com isto não defendo a ausência do sentido crítico, mas da constante repressão psicológica que em relação a nós próprios exercemos projetando isso, por vezes, no V.:M.:”

Por outro lado, de todos os testemunhos de VV.:MM.: que na altura li, e a que me junto hoje, apercebi-me que todos punham a tónica, como também faço, na diferença entre ter uma Loja de mestre ou uma Loja com mestre, porque o grande desafio colocado ao V.:M.: é saber governar os seus iguais sem deixar de lhes prestar a homenagem de os colocar como seus pares e sem deixar de prestar o serviço que dele se espera: dirigir a Loja, em consonância com o caminho escolhido por esta – e não determinar à Loja o caminho que ela devia seguir.

Afirmava então ser desejável que todos os que se sentaram na Cadeira de Salomão sintam que esta os transformou. Não porque esta Cadeira tenha algo de especial ou qualquer mágico poder, mas porque a responsabilidade do ofício, o receber-se a confiança dos nossos Irmãos para os dirigirmos, para tomar as decisões que considerarmos melhores, da melhor forma possível, por vezes após ouvir os Mestres da Loja em reunião formal, transforma quem assumiu essa responsabilidade. E deve o V.:M.: deixar intacta a cadeira. Não o contrário. Sair sem deixar marca, porque quem se senta na Cadeira de Salomão recebe o desafio de aprender a desempenhar a tarefa mais complicada que existe: dirigir iguais!

O grande poder do V.:M.: é a sua aprendizagem em não dominar os outros e não se curvar perante ninguém, exceto, talvez para ajudar os que precisarem dele. Nem sempre se consegue. E essa consciência é preciosa para o exercício da humildade.

Porque o V.:M.: enquanto oficial, é afinal alguém que desempenha um ofício; É um oficial entre outros, um maçom entre outros. Silenciosamente, à maneira do sol, o Mestre maior em cujo lugar se encontra provisoriamente, por empréstimo.

E concluo com parte do meu discurso do 30º aniversário desta L.::

“Vejo este caminho das Lojas e de quem vai à frente, como um voo de pássaros. Os pássaros têm de fazer longos, longuíssimos

O grande desafio colocado ao V.:M.: é saber governar os seus iguais sem deixar de lhes prestar a homenagem de os colocar como seus pares e sem deixar de prestar o serviço que dele se espera: dirigir a Loja, em consonância com o caminho escolhido por esta – e não determinar à Loja o caminho que ela devia seguir

Vejo este  
caminho das  
Lojas e de quem  
vai à frente,  
como um voo  
de pássaros. Os  
pássaros têm  
de fazer longos,  
longuíssimos  
voos. E isso  
só é possível  
porque de vez  
em quando um  
pássaro passa  
para a frente e  
guia o bando,  
digo, respeita  
o desígnio do  
bando...

voos. E isso só é possível porque de vez em quando um pássaro passa para a frente e guia o bando, digo, respeita o desígnio do bando, sendo que este movimento é cíclico e sendo o bando sempre o mesmo, embora uns entrem e outros saiam, vários pássaros se vão substituindo na missão de desbravar o ar.”

É assim que vejo os cargos, nomeadamente o cargo do V.:M.:. Não importa quem vai neste momento à frente, importa o bando, a continuidade do voo e a cooperação entre todos. Não importa qual vai à frente, importa como o faz e que saiba muito claramente porque o faz. O bando não existe para seguir o da frente, o da frente existe para servir os que o seguem, sabendo que deve ser substituído antes de sentir cansaço, porque é a sobrevivência dos outros que está em causa. E aí retira-se, normalmente para trás, last but not least.

Aproveito este momento para prestar a minha homenagem, em nome da L.:, a todos os VV.:MM.:, presentes ou não, ativos ou não, que durante algum tempo sustentaram o voo desta R.: L.:. E a todos os que voaram. E a todos os que continuam voando.

E já que estamos a falar em pássaros, esses seres do ar, não esqueçamos também o fogo do carneiro, o fogo divino do entusiasmo. Sem ele, é difícil servir uma Loja. Mas não pode ser destemperado, esse entusiasmo.

A todos os Irlr.: e lala.: e a todos em vossos graus e qualidades, o meu agradecimento por terem sido companheiros de caminho. Por continuarmos, como aliás toda a Humanidade que nos emprestou o nome, encarnados na terra, o mais belo espelho do céu que conhecemos.

À nova V.:M.:, minha querida la.:, o voto de que recebas, neste teu veneralato, tudo aquilo a que tens direito e que, apesar das dificuldades que irás enfrentar, ou talvez por elas, seja tão feliz este teu voo como, sem a menor dúvida, foi o meu, mesmo nos momentos de choro e ranger de dentes.

Iniciei feliz e terminei feliz um exercício onde não me foi facilitada a vida. Honro todos os momentos e também este, porque como iniciados aprendemos a honrar especialmente os momentos de passagem, que nos levam sempre mais longe e mais profundo. Dentro de nós, o lugar mais emocionante que podemos visitar.

*R.P. da R.: L.: Humanidade*



# Contribuição da Respeitável Loja Fraternidade O Ritual em loja A ordem a partir do caos



Os rituais, presentes em todas as sociedades humanas, geralmente de carácter religioso compõem-se de certos gestos, palavras conceitos e comportamentos, geralmente imbuídos de um valor simbólico, cuja performance é, usualmente, prescrita e codificada, com o intuito de opor ao caos primordial uma determinada ordem ao universo, recriando a ligação do humano ao divino da terra ao céu e buscando a harmonia que possibilite uma vida feliz.

Dispõem-se muitas vezes a contar o mito, a recriar o mito, promovendo uma espécie de retorno a esse tempo de indiferenciação geral em que divindades, homens, animais e plantas se comunicavam entre si, e produziam sua existência por meio dessa interacção. As populações indígenas acreditam que esta comunicação, esta interacção deve se dar de maneira mediada e é indispensável para a produção de pessoas e da própria sociedade. Afinal, é do cosmos mítico que são extraídas as matérias-primas para a constituição das pessoas e da sociedade. Perder de vista esta comunicação, esta interacção é entregar-se à inércia, à permanência num mundo sem sentido.

Também o trabalho Maçónico, seja ele de que rito ou obediência, se desenrola sempre através de um ritual e inicia-se com a abertura dos trabalhos da loja, com o objectivo de criação do templo, de um caos inicial para a criação de uma Ordem.

Através do ritual de abertura inicia-se a criação de uma nova realidade qualitativamente diferente do mundo profano e um tempo também diverso, em espaço, em tempo e em qualidade.

Primeiro, pela cobertura da loja, determina-se que o espaço está a coberto do mundo exterior e que não será profanado, estando protegidos dos males que dominam o mundo.

Seguidamente, reconhece-se a mesma qualidade em todos os membros, ao serem reconhecidos como irmãos e irmãs, pois todos os presentes foram submetidos à iniciação e estão de posse dos conhecimentos sobre a meta linguagem utilizada e os próprios objectos e símbolos presentes.

Determina-se a orientação no espaço, com o objectivo de criar uma orientação específica que proporcione a recepção da luz, dado se encontrar o espaço orientado de oriente para ocidente,



conforme o percurso do sol. A norte, os aprendizes, aqueles que ainda não estão na posse da palavra nem estão ainda capazes de encarar a luz.

A sul os companheiros, a ocidente os vigilantes e a oriente o venerável mestre, determinando assim a orientação e os limites deste espaço recriado.

Após a determinação deste espaço é criado o tempo. Do meio-dia, à meia noite, ou seja, criando o tempo de maior luminosidade e calor, com o intuito de capacitar o espaço e os seus membros das qualidades ideais de trabalho.

O início dos trabalhos é pois a construção de um templo perfeito e harmonioso, onde tudo, desde os componentes, à qualidade dos seus membros, corresponde ao ideal de perfeição, devendo por tal pender para esse mesmo ideal.

A construção do templo pretende ser a constituição de uma ordem a partir do caos, revivendo o acto de criação, representando a possibilidade de superarmos as nossas limitações, enquanto seres humanos individuais, pela assumpção do arquétipo do Irmão em que nos vamos transformando no decorrer do processo de criação do templo, procedendo à nossa transmutação para uma nova qualidade já não de profanos, com novas energias mais subtis, pois deixamos os “metais à porta do templo”, deixamos a nossa carapaça de seres limitados e impuros.

O colectivo e a energia criada em conjunto serão determinantes para a qualidade do trabalho da loja, que passa a ser um resultado de conjunto e não de soma simples das qualidades individuais.

O acender de luzes remete-nos para a importância da iluminação enquanto gnose, devendo esta ser orientada nos seus três vértices de Sabedoria, Força e Beleza, determinando uma vez mais os vectores que enquadrarão as qualidades que deverão orientar a vida neste novo espaço-tempo, recriado de forma arquetípica. A luz representa aqui o esclarecimento (aclaração), a vontade de caminhar em direcção ao verdadeiro saber, vibrar em harmonia com os Irmãos na elevação que nos permita subir a estados vibratórios mais subtis.

Recorda-nos Olivier Doignon que “Um rito sem Luz é apenas uma rotina que aniquila toda a possibilidade de elevação espiritual, logo não subsiste nenhum traço positivo da celebração”. Esta luz é aqui invocada como o resultado de toda a celebração ritualista de criação do templo, carregada de significado e que deverá ser interiorizada por cada um dos II.: e IIAA.: no sentido de criação de algo em direcção à elevação espiritual.

Após a recriação deste micro cosmos, vivida como “ordo ab caos”, a ordem surgida do caos, é efectuada a invocação, definindo a objectivo dos trabalhos a realizar em loja: ao progresso da humanidade e/ou à glória do Grande Arquitecto do Universo, o que nos faz recordar os artigos 2º e 3º da constituição Ordem Maçónica Mista Internacional Le Droit Humain: “Composta de Franco-Maçons de ambos os sexos, fraternalmente unidos, sem distinção de raça, etnia, filosofia ou religião, a Ordem impõe a

A construção do templo pretende ser a constituição de uma ordem a partir do caos, revivendo o acto de criação...

Está assim constituída a EGRÉGORA da loja, o ambiente gerado pelo somatório de energias físicas, emocionais e mentais e espirituais dos II.: e IIAA.: presentes.

si própria, para alcançar este objectivo, um método ritual e simbólico, graças ao qual os seus membros edificam o seu Templo à perfeição e à glória da Humanidade. Respeitando a laicidade e todas as crenças referentes à eternidade ou à não eternidade da vida espiritual, os seus membros procuram, antes de mais, realizar na terra, e para todos os homens, o máximo de desenvolvimento moral, intelectual e espiritual, primeira condição para a felicidade possível para cada indivíduo numa Humanidade organizada fraternalmente.”

Esta ordem criada do caos, sugere-nos uma alegoria com o trabalho da natureza sobre a matéria, que em condições ideais, de temperatura, estabilidade, tempo, etc. cria no seu seio os mais belos cristais a partir da mais bruta matéria, organizando esta de forma exemplar e molecular diversa, no sentido da beleza e da perfeição.

Assim, também a loja harmonicamente constituída, transformada em templo, cria as condições para se trabalhar a pedra bruta, no sentido de burilar as suas imperfeições e a transformar numa nova matéria mais organizada e mais perfeita e mais bela.

Está assim constituída a EGRÉGORA da loja, o ambiente gerado pelo somatório de energias físicas, emocionais e mentais e espirituais dos II.: e IIAA.: presentes.

Os trabalhos de loja poderão então decorrer em ordem e harmonia após a abertura dos trabalhos, e a vibração iniciada deverá facilitar a celebração a que se propõem os maçons quando se reúnem.

Todos os trabalhos atingem o seu ponto máximo, na cadeia de união, onde se sente a maior vibração durante toda a celebração. Aqui, ao invocarmos todos os que nos precederam e os que nos irão suceder deveremos entender que nenhum dos símbolos sobre os quais trabalhamos e os rituais que realizamos são inócuos ou fortuitos, realizando no nosso seio a criação de uma energia de vibração elevada, de que o nosso mundo precisa para se libertar em direcção à luz e à perfeição; energia essa de que deveremos ser portadores para o mundo profano, regressando, mais ricos e mais subtis.

Por isso juramos manter luminosa e íntegra a chama do amor universal do espírito humano.

*R.R. da R.: L.: Fraternidade*



# Contribuição da Respeitável Loja Athanor Silêncio e Cidadania



A minha vida activa leva-me a que tenha que me deslocar para o meu local de trabalho em Lisboa, todos os dias de transportes públicos. Os transportes públicos são aparentemente percebidos como locais de mobilidade, na maior parte das vezes despidos de calor humano, de educação e ética. Seguem os seus ritmos prenhes de nada, se é que se pode entender como nada o acto de partilhar um espaço para chegar a horas ao meu destino que é o trabalho que me paga o pão e potencializa a utilidade, e também de chegar ao lar onde recarrego as baterias.

A presença do nada sugere antes de mais a potencialidade do tudo o que de bom habita paredes-meias com o pior em nós. A azáfama do ruído que se tenta sobrepor ao Silêncio, não nos deixa perceber que a magnitude do Silêncio atemoriza porque nos coloca em contacto connosco próprios.

Nas minhas viagens de barco e de metro do local de onde vivo e para o local onde trabalho, tenho vindo a desenvolver o hábito de observar e de reflectir em silêncio em mim e no frenesim do ritmo alucinante da sociedade actual.

Discretamente reparo que uns viajam enclausurados dentro dos muros que eles próprios erguem julgando que os outros não os vêem, outros vão irritados por ali estarem, alguns estão ausentes do espaço e do tempo, outros ainda conversam e sorriem. E ainda há os que exclamam, porque a travessia do Tejo ainda é ponto de encontro para aqueles que não vemos há tanto tempo, mas que num determinado dia as vidas convergem para um mesmo destino.

Há de facto muito que anotar acerca de todos e de nós mesmos num barco, num comboio, sempre que as vivências se cruzam, seja através de um olhar, de uma saudação e até por vezes de uma agressão.

Nesta rotina diária, há pessoas que encontro desde há muito tempo. São os desconhecidos conhecidos.

Entre estes alguém que não conheço, a quem nunca dirigi uma palavra, prende-me a atenção.

Ela traz no olhar vida e calma, a sua voz é pausada e paciente.

Todos os dias vai, no autocarro, bem cedo pela manhã, apanha o barco que a conduz à outra margem, e daí há-de ir trabalhar, porque trabalhar é uma benção e o pão uma recompensa.

Tantos os anos que passam por ela, por mim, por nós e durante este período de tempo, ela está mais velha, e eu também, assim como a criança que todo este tempo ela tem transportado no seu caminho para Lisboa, que já não é mais criança, mas menina, a menina da sua mãe!

De todas as vezes que as vejo vão sempre de mãos dadas, num passo nem rápido nem lento, num passo seu. Vezes houve em que fiquei junto delas no autocarro, ou no barco e ouvi-lhes as vozes e as conversas.

Conversa de mãe que responde à filha porque é que a rua se chama Camões e não Viriato. Perguntas de amiga que quer saber das amigas da filha. Olhar de progenitora sábio e anónimamente cúmplice dos intervalos entre as palavras da sua filha.

Conversas sem pressa, em compassos de tempo seguros e ternos.

Apercebo-me num instante de Silêncio que a travessia da vida, faz-se destes momentos de dar e de receber.

Aprendo em Silêncio e pela observação, tal qual Aprendiz numa coluna a norte, que a obra de cada um de nós não tem que ser espectacular, afamada e falada por todos os sons ociosos que persistem em envolver as nossas vidas. Ao contrário, se cada um de nós colocar ainda que seja uma só pedra desde que firme e bem polida de modo a que possa sustentar o peso da outra que se segue, num trabalho embora silencioso mas profícuo, já todos termos com efeito dado o nosso contributo. A assuidade nos nossos empregos e a dedicação para com os mesmos, o compromisso de amor pela família e amigos, o respeito moral e ambiental para com os restantes, fará de todos grandes obreiros de um planeta mais equilibrado.

Mas os sons cheios de nada, mudos e excluídos de todo o sentido da vida sugerem que nos arrastemos para a grande roda integrante da ilusão do tudo que nada é, e que nos desviam deste encontro com estas pequenas grandes responsabilidades que produzem toda a diferença enquanto seres humanos num sentido espiritual, e cidadãos num sentido prático.

Se há fome, a culpa será afinal apenas dos políticos, gestores, vedetas fúteis e dos ganaciosos accionistas e especuladores? A culpa é sempre dos outros, mas nunca minha...

Enquanto a vida for tortura e morte, estaremos presos neste vale de lágrimas que atravessamos sem cessar, uma e outra vez no interminável samsara!

Acredito pois que cada um de nós é responsável pelo bem e pelo mal de cada qual, e que enquanto não colocarmos tais permissas no nosso ser e na nossa conduta, a travessia agitada nas

Se há fome,  
a culpa será  
afinal apenas  
dos políticos,  
gestores,  
vedetas fúteis e  
dos ganaciosos  
accionistas e  
especuladores?  
A culpa é sempre  
dos outros, mas  
nunca minha...

Só através  
do Silêncio  
é possível  
compreender  
a grandeza do  
nascer do sol,  
interiorizar cada  
pôr-do-sol como  
o fim de mais  
um ciclo, de um  
ciclo que não  
termina e que tal  
como o sol nasce  
e ressuscita  
diariamente.

águas turvas deste oceano denso, será permanente, tal como as travessias no Tejo.

Não me refiro apenas aos pobres, refiro-me a todos os que sofrem física e espiritualmente. Sofrimento ou alegria pelo qual somos todos sem excepção, responsáveis.

Eis o que em Silêncio descobri em mim! Que sou tudo e que sou nada, que do confronto de opostos que habita em mim resulta afinal algo extraordinariamente simples e despojado.

O Silêncio mais que um estado de ser e permanecer é para mim um instrumento de aprendizagem através do qual posso expandir a minha consciência.

Só através do Silêncio é possível compreender a grandeza do nascer do sol, interiorizar cada pôr-do-sol como o fim de mais um ciclo, de um ciclo que não termina e que tal como o sol nasce e ressuscita diariamente.

No antigo Egipto venerava-se o sol pela sua capacidade criadora e ao mesmo tempo destruidora, mas também porque o sol partilha diariamente com a humanidade essa lição de vida e morte, movimento rotineiro e singelo, mas grávido de profundidade.

Não me tinha ainda apercebido do quanto sou igual aos outros, nem tao pouco do mesmo que comungo com eles, do peso da responsabilidade que carrego, desde os actos mais visíveis aos mais pequenos e invisíveis. Responsabilidade de trabalhar e contribuir tendo como compromisso dar o melhor de mim.

O silêncio precede sempre um fenómeno assim como o encerra sempre que este se desvenda.

*C.B. da R.: L.: Athanor*



## Contribuição da Respeitável Loja Liberalitas

# Liberdade e Democracia



Associamos o conceito de liberdade ao de democracia. Este vem-nos do Séc. V a.C. de Atenas, sob a governação de Péricles.

Sabemos que os atenienses foram os primeiros a definir os grandes princípios deste regime político, descrevendo concomitantemente os valores essenciais que lhe são inerentes, ao reflectir sobre o que se deve procurar para poder fazer funcionar esse mesmo regime, sem contudo deixar de lhe sublinhar os seus próprios limites e os perigos potenciais.

Contudo, não podemos perder de vista que este élan democrático foi o culminar de um longo caminho iniciado nos princípios dos tempos e cujos sinais surgiam aqui e ali, sob a forma de “pequenos surtos” na cultura grega. Tal como nos homens, também nas sociedades, são longos e muitas vezes dolorosos os caminhos da procura da liberdade. Senão vejamos:

Já em Homero – e apelo à vossa curiosidade para lerdes os Cantos VIII e IX da “Odisseia” – reis, deuses e demais homens comuns se organizavam em assembleias onde se discutia, onde cada um dava o seu parecer, onde o chefe consultava, não impunha a sua opinião pela violência, exemplos maiores da compreensão e aceitação dos homens, pela parte dos chefes, a quem cabe a função de aplicar e fazer observar, por parte dos cidadãos, a lei comum. A história de Atenas, paradigma da história dos povos, está semeada de tentativas que vão no sentido da democracia. E que é a democracia senão o exercício da liberdade dos homens e das mulheres que a integram? Sólon, que de modo algum se pode considerar um democrata, revela nos seus poemas que pretende levar em linha de conta não só os ricos, mas também os pobres. Ao opor-se, diz-nos a História, de maneira frontal à tirania de Pisítrato, cavou a sua própria sepultura.

Tal como a liberdade floresce pouco a pouco em cada um de nós, também a democracia, nas sociedades. E há que estar atento a nós mesmos. Aos momentos fortes que o decorrer dos dias nos proporciona, alavancas que nos ajudam a tornarmo-nos mais livres. Sinais de que valeram a pena os dias baços de mesmidade em que o exercício de fidelidade a nós mesmos ao longo dos quais a nossa liberdade se exerce, parecem votados ao ostracismo. Mas depois, sem que nada o fizesse esperar, esse exercício

de fidelidade a nós mesmos, trabalho obscuro da nossa liberdade, abre-nos portas para outros planos, outras formas de vida, que pensávamos para sempre interditas ao nosso estar no mundo. Do mesmo modo com as sociedades.

Prosseguindo a minha reflexão com o exemplo grego, na importância que tiveram para Atenas as vitórias alcançadas com as guerras médicas. As derrotas sucessivas da poderosa armada persa, que por duas vezes tinha invadido a Grécia na esperança de a conquistar, contribuiu para aquela euforia democrática, se assim podemos falar, que nela se instalou. Sob uma fórmula emprestada a Tucídides, falando a propósito de Eurípides, Atenas tornou-se “a Grécia das Grécias”. Politicamente a cidade encabeçou as cidades gregas, graças à superioridade da sua frota. A sua influência resplandeceu sobre quase todo o Mediterrâneo, e também sobre parte do Mar Negro. A vitória dos Atenienses sobre os Bárbaros – todos aqueles que não falavam grego –, permitiu-lhe tomar consciência da sua originalidade. Aumentou a percepção da sua diferença de regime e de cultura que opunha a sua cidade, pátria da democracia, à monarquia persa. Já nos nossos dias lembro a importância da derrota da Alemanha nazi e do surto de democracia, de igualdade e de desenvolvimento que fez da Europa um exemplo a que o mundo não ficou indiferente e que, apesar dos atropelos de que ainda hoje é vítima, nada ficou como antes na história mundial.

Voltando ao exemplo grego, tenho presente aquela belíssima passagem de “As Suplicantes” onde Eurípides explica que, para um tirano, “a lei é a coisa”. – Nos nossos dias veja-se Bush e a guerra do Iraque. Ou a atitude da OPEP face ao aquecimento global. O que não deixa de nos fascinar nos elogios da democracia deixados pelos gregos, é a importância duma lei escrita pelo povo, para o povo, encarregada de proteger os fracos contra os fortes. O texto de Eurípides diz-nos ainda isto: “Para uma cidade nada é pior do que um tirano. Sob uma tirania as leis não são as mesmas para todos. [...] Quanto à liberdade ela reside nestas palavras: Quem quer, quem pode dar uma opinião sábia à sua pátria? Então, a seu bel-prazer, cada um pode brilhar... ou calar-se. Podemos imaginar mais bela igualdade?” A lei, a sua lei, a mesma para todos e julgada útil para todos, o poder exercido pelo “demos” ou seja, o conjunto dos cidadãos, é o próprio símbolo da liberdade democrática dos atenienses do séc. V, mesmo se alguns de entre eles lhes eram hostis. Tal como nos nossos dias. De então para cá, dir-se-ia que os homens só mudaram do ponto de vista das suas capacidades técnicas. De certo modo poderíamos dizer que do ponto de vista do entendimento da palavra liberdade, na Grécia antiga a liberdade dependia da liberdade do Estado. Um cidadão sentia-se livre porque obedecia a uma regra comum semelhante para todos e não a um soberano absoluto. Sentia-se livre porque pertencia a uma cidade livre, garante duma ordem consensual e da sua liberdade. Para nós, ser livre significa poder fazer egoisticamente o que queremos, sem pensar nos outros. A democracia ateniense era um regime directo em que o povo fazia tudo alternadamente. Cada cidadão participava directamente e de maneira completa na questão do Estado, podendo votar, julgar, ser magistrado, etc. As instituições, as práticas, os hábitos eram muito

Tal como a  
liberdade floresce  
pouco a pouco  
em cada um de  
nós, também a  
democracia, nas  
sociedades.

Aos valores legados pelos gregos poderíamos chamar “valores políticos”, no sentido que se que se encarnam na democracia. Foram os gregos que inauguraram a justiça, a lei para a cidade, a solidariedade enquanto civismo.



Conhece-te a ti mesmo.  
Templo de Delfos

diferentes dos nossos, mas os princípios e os valores que eram o fundamento da democracia ateniense, são os mesmos que regem as nossas democracias. Quase todos os valores imaginados há mais de vinte e cinco séculos pelos gregos, essas grandes ideias que fazem do “homem a medida de todas as coisas”, ideias que fundamentam a nossa civilização, a vasta corrente do humanismo europeu banhado pela fonte judaico-cristã. Aos valores legados pelos gregos poderíamos chamar “valores políticos”, no sentido que se que se encarnam na democracia. Foram os gregos que inauguraram a justiça, a lei para a cidade, a solidariedade enquanto civismo. A todos esses conceitos juntaram o respeito pela diversidade das pessoas, a grandeza da alma, a equidade, a generosidade. Atenas, como Péricles não deixa de o repetir, é aberta e tolera as diferenças. Deixa as pessoas em paz, fecha os olhos enquanto o seu comportamento não está em contradição flagrante com as leis, disso não faz um drama como em Esparta. E este espírito de acolhimento é válido para todos os estrangeiros, mesmo se a cidade só lhes concede parcimoniosamente a qualidade de cidadãos.

Atenas gosta acima de tudo que lhe chamem “a livre Atenas”. Experimenta um sentimento sincero de parentesco entre os homens. Não pratica a “expulsão de estrangeiros” de que Esparta é useira e vezeira.

É por tudo isto que Cristine de Baunilly, historiadora da antiguidade clássica, chama à Civilização Grega, a Civilização da Doçura. Lembrando que todos os valores a que acabamos de fazer menção ao longo da nossa prancha já existiam em germe muito antes do séc. V a. C., explica o alcance da denominação de Civilização da Doçura. E vai à raiz etimológica do termo “doçura”. Em grego, este termo significa sucessivamente: indulgência, tolerância, compreensão. Por outras palavras, as boas relações com os outros. É uma ideia que aparece nos textos gregos do Séc. V a. C. e que se vai difundir, ampliar, multiplicar progressivamente. Se o conceito de justiça passa muito antes na lista dos grandes valores gregos, o de doçura representa o contrário do que se passa nos sistemas onde o absolutismo impera, tendo como instrumentos a tortura e o chicote, auxiliares da dureza reinante. A doçura simboliza o reino do debate onde toda a gente pode participar em igualdade e onde todas as decisões importantes são tomadas na Assembleia do Povo.

Creio, para finalizar, que as nossas resistências à grande máxima “Conhece-se a ti mesmo” está, do meu ponto de vista, no princípio da liberdade interior, sem a qual não é possível alcançar a liberdade social. Resistências geradas de emoções não exprimidas sedimentam-se e não deixam fluir em nós os sentimentos nem a execução de deveres oriundos duma regra por nós aceite, quando não escolhida/aco-

lhida. Na verdade, há regras decorrentes do facto de vivermos numa sociedade democrática. Outras, do compromisso, da palavra dada. Palavra que tem o peso da regra face a nós mesmos e àqueles a quem a palavra foi dada. Talvez esta palavra seja o princípio da liberdade pessoal.

## Contribuição da Respeitável Loja União O Espelho



Certamente existem muitas superfícies que nos possibilitam ter um reflexo, mas nenhuma delas tem a clareza, a definição e a profundidade que o espelho nos proporciona.

O espelho está presente nas nossas vidas em tantas aplicações, que muitas vezes passa despercebido, dado que temo-lo como certo. Talvez por isso, raramente olhamos para ele de maneira mais profunda. Olhamos para ele no dia a dia de forma tão “cega”, que apenas vemos o que queremos ver.

A clareza do espelho dá-nos a imagem real (embora invertida) do nosso mundo, a ele nos socorremos para alcançar o que fisicamente nos é impossível ver, e com o máximo de detalhe. Já a definição e profundidade da sua imagem transporta-nos para uma visão quase tridimensional, de um mundo que simplesmente visto aos nossos olhos, estaria limitado ao nosso campo de visão natural.

Quase como se de um universo paralelo se tratasse, o espelho faz com que nos vejamos nas mais diversas formas, como que vistos pelos olhos de outra pessoa.

Lembro-me em pequeno, influenciado por um desenho animado de Walt Disney, perguntar-me que mundo se escondia além do espelho. Nessa animação éramos levados a pensar no espelho (diga-se no seu reflexo), como um mundo que aparentemente sendo parecido com o nosso, tinha as suas diferenças e havia que explorá-lo.

Na minha iniciação, quando estava na câmara de reflexão, confesso que foi dos elementos que mais me despertou a atenção. Isto porque, devido à pouca iluminação que a vela proporciona, o espelho transmitia um reflexo da nossa imagem que poucas vezes temos a oportunidade de examinar. A minha face, iluminada pela vela, transmitia uma imagem que inicialmente estranhei. Quase como um vulto fantasmagórico, aquela imagem tinha também a propriedade de dissipar tudo o que era acessório, e centrar-se apenas na minha face.

Se por um lado é algo que podemos reconhecer, por outro a estranheza de tal imagem leva-nos a pensar em várias questões como quem somos, onde estamos, de onde vimos e para onde



vamos. Por outro lado, o espelho convida-nos a fazer várias reflexões sobre o nosso interior. Penetrando na imagem que se nos apresenta, somos levados a observar o nosso espelho interno, que a maior parte das vezes permanece inconsciente. Somos levados a acreditar, no dia a dia, que nos conhecemos, que somos os donos do nosso destino, que ninguém melhor que nós sabe quem somos. Aqui o espelho pergunta, será?

Quantas vezes no dia a dia já nos olhamos ao espelho e ficamos surpreendidos pela imagem que se nos apresenta? Muitas certamente... Ou porque estava muito vento e não nos apercebemos do quanto na moda ficou o nosso penteado, ou simplesmente ao notarmos que quando demos aquela derradeira mordida na sandes que fez parte do nosso pequeno almoço, deixamos vestígios quase criminosos de tamanha voracidade justificada pela luta contra o relógio com que todas as manhãs nos deparamos.

Certamente existem muitas superfícies que nos possibilitam ter um reflexo, mas nenhuma delas tem a clareza, a definição e a profundidade que o espelho nos proporciona.

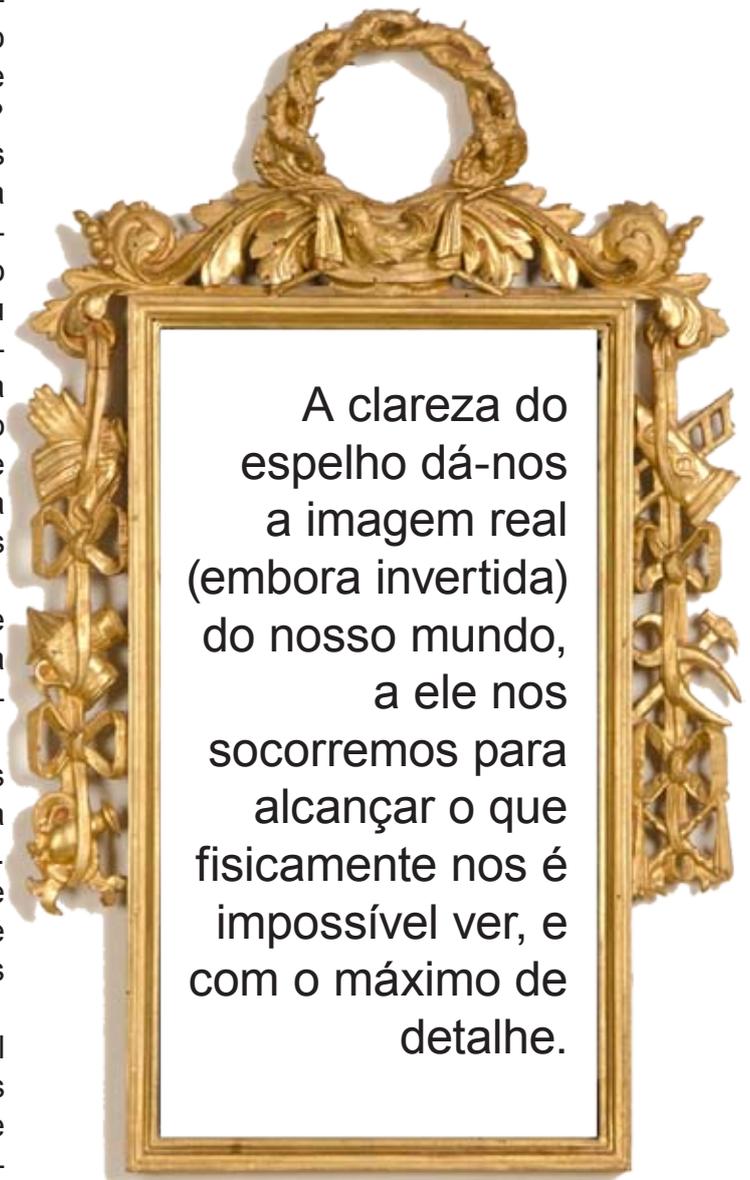
O espelho está presente nas nossas vidas em tantas aplicações, que muitas vezes passa despercebido, dado que temo-lo como certo. Talvez por isso, raramente olhamos para ele de maneira mais profunda. Olhamos para ele no dia a dia de forma tão “cega”, que apenas vemos o que queremos ver.

A clareza do espelho dá-nos a imagem real (embora invertida) do nosso mundo, a ele nos socorremos para alcançar o que fisicamente nos é impossível ver, e com o máximo de detalhe. Já a definição e profundidade da sua imagem transporta-nos para uma visão quase tridimensional, de um mundo que simplesmente visto aos nossos olhos, estaria limitado ao nosso campo de visão natural.

Quase como se de um universo paralelo se tratasse, o espelho faz com que nos vejamos nas mais diversas formas, como que vistos pelos olhos de outra pessoa.

Lembro-me em pequeno, influenciado por um desenho animado de Walt Disney, perguntar-me que mundo se escondia além do espelho. Nessa animação éramos levados a pensar no espelho (diga-se no seu reflexo), como um mundo que aparentemente sendo parecido com o nosso, tinha as suas diferenças e havia que explorá-lo.

Na minha iniciação, quando estava na câmara de reflexão, confesso que foi dos elementos que mais me despertou a atenção. Isto porque, devido à pouca iluminação que a vela proporciona, o espelho transmitia um reflexo da nossa imagem que poucas vezes



No entanto, o espelho precisa de alguma luz para transmitir um reflexo, uma imagem.

temos a oportunidade de examinar. A minha face, iluminada pela vela, transmitia uma imagem que inicialmente estranhei. Quase como um vulto fantasmagórico, aquela imagem tinha também a propriedade de dissipar tudo o que era acessório, e centrar-se apenas na minha face.

Se por um lado é algo que podemos reconhecer, por outro a estranheza de tal imagem leva-nos a pensar em várias questões como quem somos, onde estamos, de onde vimos e para onde vamos. Por outro lado, o espelho convida-nos a fazer várias reflexões sobre o nosso interior. Penetrando na imagem que se nos apresenta, somos levados a observar o nosso espelho interno, que a maior parte das vezes permanece inconsciente. Somos levados a acreditar, no dia a dia, que nos conhecemos, que somos os donos do nosso destino, que ninguém melhor que nós sabe quem somos. Aqui o espelho pergunta, será?

Quantas vezes no dia a dia já nos olhamos ao espelho e ficamos surpreendidos pela imagem que se nos apresenta? Muitas certamente... Ou porque estava muito vento e não nos apercebemos do quanto na moda ficou o nosso penteado, ou simplesmente ao notarmos que quando demos aquela derradeira mordida na sandes que fez parte do nosso pequeno almoço, deixamos vestígios quase criminosos de tamanha voracidade justificada pela luta contra o relógio com que todas as manhãs nos deparamos.

Pois também o nosso espelho interior proporciona surpresas. Tal como no mundo físico em que somos levados a nos ver com outros olhos, também no mundo interior temos essa necessidade. Quantas vezes nos questionamos frente ao espelho, quantas também surpreendidos pelas nossas vitórias temos a necessidade de nos reconhecer, e quem diz vitórias não pode também esquecer tristezas, e todos os outros sentimentos que compõe o nosso eu mais profundo, e que nem sempre temos a sensibilidade de conhecer ou controlar.

De facto a pergunta que o espelho faz é, se nos conhecemos de forma consciente, ou se por outro lado, existem ainda espaços que permanecem por explorar, na escuridão, e como tal há que conhecê-los, reconhecê-los, controlá-los e aperfeiçoá-los.

No entanto o espelho precisa de alguma luz para transmitir um reflexo, uma imagem.

Tal como na vida real, um espelho no escuro é tão inútil quanto um televisor sem energia eléctrica. Aí é apenas matéria inanimada sem qualquer tipo de utilização.

Também aqui somos levados a pensar no nosso espelho interior. Se vivermos na escuridão interior, se não trabalharmos para iluminar o nosso eu, se não despertarmos das trevas para a luz, o espelho pouco poderá ajudar.

Sem luz interior, não vamos conseguir ver com clareza o nosso reflexo no espelho, permanecerá um mundo desconhecido e impenetrável, e será difícil nos conhecermos e reconhecermos, logo também teremos dificuldade em nos controlarmos e aperfeiçoarmos-nos. E mais uma vez, como no mundo real, quanto maior for a luz, mais pura, mais intensa, melhor será a imagem que o espelho nos proporciona, e em consequência, podemos explorar

o desconhecido com maior clareza.

Somos assim levados a pensar que o espelho não é um mero acessório dentro da Maçonaria, mas sim um instrumento de conhecimento e exploração do nosso interior. O seu reflexo proporciona uma viagem metafísica para o aperfeiçoamento interior com reflexos no nosso exterior.

Assim também ganhamos a consciência que também nós somos espelhos, e que quanto melhor for o nosso interior, quanto mais cristalino, puro, iluminado, maior será a nossa capacidade reflectora, com maior clareza nos damos a conhecer.

Afinal uma superfície negra, uma superfície que esteja na escuridão não tem capacidade reflectiva, nem de espelhar qualquer imagem. Assim como num interior que viva na escuridão, em vez de irradiar luz e transmitir uma imagem, apenas vai absorver a luz irradiada por outras fontes e perdê-la no vazio da sua própria escuridão, no vácuo das trevas.

O espelho convida-nos assim a explorar, conhecer, iluminar e projectar o nosso interior, e trabalhar para a nossa clareza e iluminação intelectual e espiritual.

*J.H. da R.: L.: União*



Assim também ganhamos a consciência que também nós somos espelhos, e que quanto melhor for o nosso interior, quanto mais cristalino, puro, iluminado, maior será a nossa capacidade reflectora, com maior clareza nos damos a conhecer.



## Contribuição da Respeitável Loja Gaia O acender das Luzes



Enquanto indivíduos, somos a matéria-prima  
da obra que nos ultrapassa  
Olivier Doignon

Silêncio minhas Irmãs e meus Irmãos, de pé, mas não à ordem.

Depois do Mestre de Cerimónias ter introduzido os Irmãos e Irmãs na Loja e informado o Venerável Mestre que esta se encontra justa e perfeita, o Grande Diácono prepara-se para dar início a um dos momentos mais importantes do ritual. Pede silêncio. Algo se vai passar que exige a atenção, a concentração e a conseqüente transmutação de cada um, de indivíduo em Irmão. Gostaria de ter um termo que se libertasse da questão do género, para mais justamente designar esta função.

Segundo Olivier Doignon (OD) a Oriente do Templo encontra-se uma energia absoluta que se dissocia, aquando da manifestação, numa multiplicidade de formas que vão do infinitamente grande ao infinitamente pequeno, sem que essa energia seja traída. Pelo seu carácter único e eterno, a Luz do Oriente traduz a presença primordial. É a Luz “do que é e do que não é”. Esta Luz incriada, fogo eterno de um athanor primordial deve manifestar-se no interior do Templo para ser apreendida pela Loja.

Compete ao Venerável Mestre dirigir essa Luz, recebida do Oriente, em direcção à Loja. Ele tráz-la à existência tornando-a capaz de ser percebida ao acendê-la, com o auxílio dos dois Veneráveis nos três pilares – Sabedoria, Força e Beleza. A Luz sai, deste modo, do seu estado de força latente, recriando-se, através deste ritual, o momento primordial da sua manifestação.

No rito Inglês Estilo Lauderdale, a Luz do Oriente é transmitida ao Venerável Mestre pelo Past Master. Se pensarmos que este, mais do que o venerável anterior, representa a função que está para além da pessoa que a encarna, então compreenderemos que se trata de uma transmissão de algo que nos remete para um princípio primordial que se vai manifestar ao acender a chama que,



também neste rito, se reparte pelos três pilares – o da Sabedoria infinita, da Força todo-poderosa e da Beleza irradiando por todo o Universo.

A Luz é, pois, conduzida para o Templo através de uma forma tripartida cujos elementos são, como referimos, a Sabedoria, a Força e a Beleza, cada um representando um aspecto da sua manifestação. Veiculam um significado que deverá ser compreendido e assumido por cada um ao despir-se da sua singularidade, transformando-se no obreiro, isto é, deixando o mundo profano e tomando o seu lugar no Templo. Através das invocações, feitas pelo V.:M.: e pelos VVig.:, simultâneas à materialização da Luz na chama que acendem, é demonstrado o poder criador da Palavra que acompanha o gesto, em todo o ritual.

A Sabedoria, simbolizada por Ísis, a que une os elementos dispersos e conduz à unidade, ilumina a acção, fornece a significação e orienta; a Força do crescimento e desenvolvimento da obra permite continuar mesmo nas condições mais adversas; a Beleza simboliza aquilo que é bem terminado e como tal, constitui um fim que será sempre o começo de um novo ciclo.

A experiência espiritual de transmissão da Luz é, assim, a recriação da presença do uno no múltiplo. O seu fim é o de orientar os construtores que pretendemos ser. Mas para isso ser possível é necessário que os seus olhares, por sua vez, se voltem para a Luz, quer dizer, que cada um se abra a essa presença.

No Templo, a luz assume, uma forma concreta através dos três instrumentos que nos são presentes desde a Iniciação e que

A Luz é, pois,  
conduzida para  
o Templo através  
de uma forma  
tripartida cujos  
elementos são,  
como referimos,  
a Sabedoria,  
a Força e a  
Beleza, cada um  
representando um  
aspecto da sua  
manifestação.

O facto de neste Rito estarem presentes os vários Livros Sagrados das grandes religiões não significa qualquer submissão a uma religião revelada mas que a verdadeira espiritualidade não se detém em nenhuma delas. Está para além, no domínio do indizível, do Ser que é unidade.

são as três grandes luzes da Loja – a régua (tardamente traduzida no Livro da Lei – a regra), o compasso e o esquadro. <sup>1</sup>

Nas palavras de O.D, A escolha das Luzes é essencial, pois determina a sensibilidade da Loja, indica a que fogo criador se decide ir buscar o dinamismo da sua procura. Esta escolha pode, aliás, colocar o Franco-Maçon diante de uma contradição, porque o que motiva os seres a bater à porta do Templo, é o desejo de ir além da sua pequenez pessoal e, em particular, além das suas crenças. Como se pode pertencer a uma Loja maçónica, procurar a transposição do fenómeno da crença, e prestar juramento sobre uma crença?

O facto de neste Rito estarem presentes os vários Livros Sagrados das grandes religiões não significa qualquer submissão a uma religião revelada mas que a verdadeira espiritualidade não se detém em nenhuma delas. Está para além, no domínio do indizível, do Ser que é unidade. Quem sabe, um dia, ao ser humano bastará sentir a presença desta Essência. Um Deus revelado e uma criação totalmente acabada tornam enferma a verdadeira espiritualidade, traçando limites à possibilidade de criação permanente e infinita da Luz. Como consequência impedem, a quem os segue, de se ultrapassarem em cada momento e em cada acto da sua vida, como a Luz nos apela a proceder. Não será isto que nos tentaram dizer grandes pensadores como Nietzsche com o seu Super-homem, Rabelais com a expressão “Faz o que quiseses” ou Montesquieu ao afirmar “Quando o espírito reina, não há necessidade de lei”?

Retomando as palavras de OD: A Régua transmite o fundamento de toda a construção, material como espiritual; o esquadro é a encarnação da via recta e da justeza que assegura a estabilidade da obra; o compasso oferece a chave das relações de harmonia que ligam entre elas todas as parcelas do universo; é o utensílio do Arquitecto dos mundos (...).

O templo está, enfim, iluminado. A Luz manifestada permite-nos a tarefa de construção. O que quer que seja que pretendamos edificar só será impregnado pela Luz tripartida se prepararmos o terreno que nós próprios somos. Ir ao encontro da centelha de Luz que existe latente em cada indivíduo e deixar que trabalhe em nós, nos transforme em Irmãos, esse estado que faz desaparecer as singularidades e nos transforma em seres que adoptaram em liberdade uma postura ritual e que marca a instauração de um espaço sagrado.

Tenho dito

*I.B. da R.: L.: Gaia*

---

<sup>1</sup> A Régua foi um elemento maior ao longo da história das fraternidades iniciáticas. Nas épocas em que tudo se passava normalmente era formulada através de obras arquitecturais (...) mas quando tudo corria mal, era formulada através de escritos. O. Doignon, La Lumière



## Contribuição da Respeitável Loja Adelaide Cabete A Indignação e a Arte



R.: L.: Adelaide Cabete  
Nº 1782 Or.: Braga

Esta foi uma de muitas tentativas para escrever a prancha. Não porque faltassem temas. As flores continuam a pintar os campos, o sol não tira o pijama, a chuva molha tolos e espertos, o melro de bico amarelo continua a roubar a comida da gamela do Jaress (o nosso pastor alemão), e ainda temos a caixa maléfica, vulgo televisão, que não desiste de nos bombardear, diariamente, com estilos de vida, atitudes e fazedores de opinião. Na prática o que nos apontam é a perigosa uniformização do gosto ou o pensamento único que escondem sistemas corruptos económicos, cuja ideia assenta na pedagogia do consumo massivo de produtos e comportamentos, numa lógica de necessidade completamente falsa. Daqui se depreende que não faltam temas para reflectir e escrever sobre eles.

Sou eu. Sou eu e o mundo que me rodeia e que gira, a uma velocidade viscosa, em torno do dólar, do euro, do petróleo, dos diamantes e da impunidade. Um mundo onde os governos prestam vassalagem ao grande capital. É este mundo que me perturba, esvazia a alma e dificulta a escrita. Até esqueço a beleza da poesia, da música, da pintura, do melro de bico amarelo, porque tudo se desmorona no meio de injustiças, desemprego, fome, suicídios e números, tantos números! Estou em permanente estado de indignação perante a imagem actual do país que amo. E desta Europa. E deste mundo. A globalização selvagem rouba a poesia ao planeta.

É o século XXI, escravo da tecnologia, da informática, das notícias em tempo real, do computador, do facebook, do telemóvel, de tudo o que aparentemente nos facilita a vida e deveria trazer felicidade. Mas não é isso que vejo nos olhos dos outros. Vejo tristeza, indignação, revolta. Sim, indignação. Palavra tantas vezes gritada, em casa e nas ruas, como manifestação contra o sonho que nos estão a roubar.

Mas onde se liga a indignação com as artes, já que é esse o título da minha prancha? Será que têm algo em comum? Nascem elas do mesmo sentimento, da mesma tensão?

Sabemos por experiência própria que a indignação é um sentimento de revolta, que surge do choque, que abala convicções,

Acredito que há indignação na arte como acredito na educação pela arte porque ela é essencial ao desenvolvimento do espírito crítico, exactamente porque ensina a subversão do real, qualquer que ele seja. A educação estética ao ser “aberta” facilita e dá sentido às relações entre a Arte e a Vida.

direitos, verdades... e que toma forma muito lentamente. É quase um vulcão adormecido pronto a entrar em erupção. Mas explode quando adquire voz, quando adquire cor e forma e aí transforma-se em sonho. E o sonho é aquela vontade, aquela inquietação profunda, que nos impele a interferir na realidade e a criar. Nesse combate hercúleo, entre forças desiguais há que apelar à suprema criatividade e imaginação. E quando conseguimos dar um corpo e uma alma ao sonho, podemos enfim descansar porque ele adquire a dimensão da realidade.

E como nasce a arte? Será do sonho? Há indignação na arte?

O conceito de Arte sofreu variadíssimas alterações ao longo do tempo. No início da civilização a arte teria principalmente funções mágicas e rituais que, acredito, ainda estão no nosso ADN.

Muitos estudiosos explicam-na como uma catarse ou “purificação” capaz de dar forma a sentimentos, ideias ou sonhos. Actualmente<sup>1</sup> a teoria estética, sob o impulso da psicanálise, redescobriu a concepção da catarse, convertendo-a numa característica da função social da arte. E nesta definição percebemos que Arte, Indignação e Sonho possuem linhas que se abraçam.

Dizem também que a Arte<sup>2</sup> desabrocha no momento em que o ser humano se confronta, no mundo visível, com algo terrivelmente enigmático, que choca, transgride as regras ou provoca sentimentos adversos. Está ligada a manifestações de ordem estética ou comunicativa, realizada a partir da percepção, das emoções e das ideias, com o objectivo de estimular essas instâncias da consciência e dando um significado único e diferente para cada obra. Assim nasceram as pinturas de Foz Coa (o confronto com a mortalidade do ser humano), a Vénus de Willendorf (o confronto com as divindades), o Guernica de Pablo Picasso (a indignação perante a guerra), A Flauta Mágica de Mozart, (o confronto com o Eu) o Mar Português de Fernando Pessoa (o confronto com o desconhecido), a Grândola de Zeca Afonso (indignação contra a ditadura) e digo eu, as grandes manifestações de 15 de Setembro e 2 de Março, (o confronto com a realidade injusta). Se olharmos bem lá dentro destas obras percebemos inquietação, medo, choque, e ao mesmo tempo, participação activa e crítica, legado para o futuro, sonho. Em certo sentido as artes tendem a produzir uma idealização do real e isso é sempre uma indignação contra o real que não querem aceitar. A arte nega o real e pretende ir para além dele. E isso, na minha opinião, é uma forma de indignação, um grito de revolta contra o estabelecido.

Acredito que há indignação na arte como acredito na educação pela arte porque ela é essencial ao desenvolvimento do espírito crítico, exactamente porque ensina a subversão do real, qualquer que ele seja. A educação estética ao ser “aberta” facilita e dá sentido às relações entre a Arte e a Vida. Ela apresenta uma <sup>3</sup>rede de caminhos que não deixa de aclarar e desenvolver a consciência sobre si próprio e sobre o mundo circundante.

Mas a educação pela arte não chega. Pode ser-se um génio cultural ou artístico e um fascista ou um facínora. Os nazis tocavam violino enquanto matavam judeus. Mas a educação pela arte não se fica por aí, felizmente. Ela ajuda a transpor barreiras, a desenvolver a imaginação e a criatividade, a ler, à maneira de

Umberto Eco, nos espaços em branco. E isso quer dizer que ficamos capacitados para perceber as injustiças, os embustes, as falácias, as metáforas, e outros truques de linguagem política, social, cultural, visual... sempre travestida de verdade absoluta.

No entanto, sabemos-lo bem, há quem não se perturbe, não se indigne, quem passa pelas coisas sem as ver, como refere Eugénio de Andrade. E isso é grave. Esse olhar a Vida sem a ver pode ser educado, orientado. Educa-se para a Beleza, para a Harmonia, para o Conhecimento como se educa para a Indignação, para lutar e para criar.

Não é por acaso que os governos tecnocratas e liberais que proliferam por toda a Europa não investem na cultura. Não investem na arte. Não investem na educação. Em Portugal nem temos ministro da cultura e o desinvestimento na educação e nas artes em geral, sabemos o que tem sido. Quando os governos investem na ignorância não o fazem por acaso. É algo reflectido. Passei mais de três décadas no Ensino, conheço os programas e o valor que atribuem às Artes, parente pobre de outras disciplinas. A ignorância é uma arma para controlo das mentes, já que conhecimento é poder.

Muito se fala de educar para o mercado de trabalho (parece ironia quando quase não há trabalho). Mas uma sociedade que orienta o Ensino nesse sentido transforma o ser humano em máquina e as máquinas só obedecem. Proporcionar o acesso às artes é dar possibilidades ao ser humano de participar conscientemente na vida social, política, cultural; de sentir a erupção da indignação perante as injustiças tal como sente a beleza dos amarelos de Van Gogh ou dos azuis de Cézane; é dar-lhe armas para saber ler nas entrelinhas e não se deixar manipular. Sim, essa é a importância da Arte! Mas ela não se limita a isso porque não tem grades!

Pelo exposto entendo ser urgente investir na educação pela arte desde a mais tenra idade. Ainda no útero se possível, para que o crescimento seja harmonioso, equilibrado, sábio e dotado de ferramentas estéticas que, certamente, permitirão fazer opções de vida com mais maturidade, já que Sentidos e Razão estarão juntos neste jogo. O desejo e o prazer associados à formação de educadores e à das crianças é a *pedra de toque* que poderá fazer toda a diferença na educação global.

Aqui estamos num templo maçónico, catedral sonhada e transformada em realidade quando a indignação fez nascer nos homens de antanho o sonho de interferir com a realidade. Não somos nós fruto da indignação e da arte? Não nascemos de um olhar atento sobre as injustiças sociais e orientados/as para a defesa da dimensão estética do ser humano?

Não estamos aqui porque alguém sonhou esta ideia? Não estamos aqui porque alguém acreditou que os valores da fraternidade, igualdade e liberdade são direitos universais? Valores tão caros à Maçonaria que vêm sendo desprezados, em benefício do vil metal, de governantes corruptos, de 1% da população do planeta, enquanto os outros 99% são obrigados a cavar a sua se-



Não é por acaso que os governos tecnocratas e liberais que proliferam por toda a Europa não investem na cultura. Não investem na arte. Não investem na educação.

Considero que todos nós temos de fazer aquilo que deve ser feito, sem aguardar *que outro mais competente que nós venha a fazê-lo* (sabe-se lá quando).

pultura. Então, olhando à minha volta sinto que posso trabalhar mais. Que podemos *criar* mais.

A Maçonaria tem poder e deve interferir em Portugal, na europa, no mundo. É urgente abrir a porta dos templos, seguros e confortáveis, e levar bem longe o nosso poema, onde os versos falam de valores humanistas e do progresso da Humanidade.

O tempo urge e é de luta. A areia desce na ampulheta, imparável.

<sup>4</sup>Considero que todos nós temos de fazer aquilo que deve ser feito, sem aguardar *que outro mais competente que nós venha a fazê-lo* (sabe-se lá quando).

Terminaria com as palavras que Stéphane Hessel<sup>5</sup> profere no seu livro *Indignai-vos*:

A todos aqueles e aquelas que irão fazer o século XXI, dizemos com afecto:

Criar é resistir

Resistir é criar.

M. E. C. M. da R.: L.: Adelaide Cabete



#### Notas:

- 1 *Guia de história da Arte* (2009), Editorial Presença.
- 2 Pesquisa efectuada em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Arte> e <http://www.significados.com.br/arte> em 30-3-2013.
- 3 **A. Betâmio de Almeida** (1976), *A Educação Estético-Visual no Ensino Escolar*. Livros horizonte.
- 4 **Sena da Silva** citado por A. Betâmio de Almeida (1976), *Estético-Visual no Ensino Escolar*. Editorial Presença.
- 5 **Stéphane Hessel** (2011), *Indignai-vos!*. Carnaxide: Editora Objectiva.



# Contribuição da Respeitável Loja Estrela da Manhã A importância da Educação no futuro da Humanidade



“Diz a Estrela Polar ao marinheiro: fixa-te em mim. Mas a bússola dizia-lhe: porque sou uma agulha magnética e porque estou segura de meu norte, agrada-me vacilar.”  
*(José Bergamín)*

Antes de mais, centremo-nos na definição do objeto central da nossa reflexão – a EDUCAÇÃO.

Do latim *educatio-onis*, educação é a ação de desenvolver no indivíduo, especialmente na criança ou no adolescente, as suas capacidades intelectuais e físicas e de lhe transmitir valores morais e normas de conduta que visam a sua integração social. É também o ato ou efeito de educar ou de se educar, sendo que etimologicamente, educar deriva do latim *ducere* que significa conduzir. Logo, o educador é alguém que conduz (o educando) e é este quem é conduzido.

Dar e receber educação significa a formação recebida e o resultado do desenvolvimento é o de adquirir conhecimentos, de desenvolver aptidões, de formar e enriquecer o espírito, de se instruir. “Se alguém abandona o desejo de educação permanente é porque houve já uma falha na educação básica. Um perigo das formas básicas de conhecimento é não evoluírem, sinal de que o sujeito também não evoluiu cognitivamente.” (M.A. da Veiga 1988). A educação permanente é a formação contínua destinada a proporcionar a atualização de conhecimentos.

A Educação também surge como os conhecimentos ou aptidões que cada indivíduo desenvolveu pelo estudo e aplicação, sendo o resultado do esforço pessoal.

Surge, por vezes, como sinónimo de formação ou instrução que se recebeu ou ministrou em determinada área: educação moral e religiosa, educação clássica, educação tradicional, i.e..

O conceito de educação aparece, por vezes, ligado à instrução que permite o conhecimento especial de uma arte, de um ofício.

A Educação é o desenvolvimento metódico de uma faculdade, vide, por exemplo: a educação da vontade através da autodisciplina, a educação da memória, a educação do gosto e até dos reflexos.

Kant referiu que “o homem só consegue ser homem através da educação.”. Estamos, portanto, diante de uma arte em permanente aperfeiçoamento, ao longo das várias gerações. Assim, é o presente e o futuro que estão em causa.

Estende-se o conceito de Educação à aquisição e desenvolvimento de capacidades num determinado domínio: educação musical e artística, educação estética, educação física, por exemplo.

A Educação é o sistema cujo objetivo é a formação e instrução dos cidadãos, de modo a poderem alcançar uma melhor integração na sociedade, em geral, e na profissão, em particular.

E, por último, o conhecimento e prática de comportamentos e usos socialmente aceites, o mesmo que civilidade, cortesia, delicadeza.

Kant referiu que “o homem só consegue ser homem através da educação.”. Estamos, portanto, diante de uma arte em permanente aperfeiçoamento, ao longo das várias gerações. Assim, é o presente e o futuro que estão em causa. Não se trata de uma adaptação ao mundo atual, mas de procurar antecipar – ainda que não possamos conhecer precisamente o que nos é reservado pelo futuro, cheio de dúvidas, incertezas e de contingências.

É necessário ensinar as crianças e jovens sobre o que é o mundo, despertar as suas consciências, em lugar de lhes fornecermos uma chave para abrir a “arte de viver”. A tarefa da educação em geral e da escola, em particular, é conhecer, compreender, aprender o respeito mútuo e a responsabilidade, cultivar o método, a experiência, o rigor científico, o espírito crítico e a capacidade de trabalho. Assim se desenvolve uma educação ativa, pela qual se pratica a “disciplina da liberdade”.

António Sérgio afirma que “É impossível reformar a escola sem se trabalhar ao mesmo tempo na transformação da sociedade.”

As sociedades de hoje preocupam-se muito com o sucesso escolar dos alunos e se ocupam pouco com o sucesso escolar dos alunos. Vivemos numa sociedade-espetáculo, em que a comunicação é dominada pelos media, pelas notícia-choque, na qual é fácil manipular números e evidenciar sucessos e insucessos, mais do que percebê-los.

Em vez de fugirmos para a frente, como atualmente se verifica, diante das múltiplas dificuldades de conciliação de uma escola de massas com aprendizagens de qualidade para todos, insistindo de forma esquizofrénica em mais exames e mais estatísticas, seria mais oportuno continuar a enfrentar, em cada escola concreta, os problemas concretos que representa esse desafio maior de desencadear as condições precisas que criam percursos educativos de qualidade para cada criança, jovem ou adulto.

Urge, assim, concentrarmo-nos no sucesso escolar como um compromisso social que nos implica a todos como nação. Devemos, pois, questionar a realidade: será que, enquanto os media hipervalorizam os quadros e gráficos e estatísticas, os alunos ficam mais motivados para aprender? Conhecem melhor os objetivos de aprendizagem e implicam-se melhor em alcançá-los? Os professores comprometem-se a ensinar melhor, superando as lacunas de aprendizagem evidenciadas pelos alunos? Os alunos tornaram-se mais comprometidos e persistentes na aprendizagem?

De facto, nada do que se passa no conjunto da sociedade é estranho às crianças, adolescentes e jovens em desenvolvimen-

to. Eles percebem o que se deseja e selecionam o caminho mais curto para lá chegar. Quando enfatizamos o papel dos exames e os objetivos de performance, damos sinais muito concretos acerca dos esforços a eleger e a empreender. Do mesmo modo, quando damos prioridade ao alcance dos objetivos de domínio de um dado saber ou conjunto de saberes, estamos a dar outros sinais acerca dos investimentos a realizar pelos alunos nas escolas. Por exemplo, para melhorar as capacidades de leitura, é preciso ler, ler muito, viver num contexto que estimule a leitura e pratique o ensino rigoroso do vocabulário, valorizar os processos de leitura e escrita em sala de aula, bibliotecas e outros espaços. E os media podem ajudar muito nos sinais que dão, a sua ação não é neutra.

Portanto, temos de caminhar para o desenvolvimento de ambientes escolares que maximizem uma cultura de aprendizagem, colocando todo o modelo organizacional e os recursos ao serviço dessa cultura, ou seja, de melhores aprendizagens por parte de cada um e de todos os alunos. (J. Azevedo, 2011).



“Não iludamos as questões: o nível de competências dos nossos jovens é insuficiente. Alcançar uma boa e adequada formação de base constitui, assim, questão de sobrevivência numa sociedade contemporânea. A igualdade de oportunidades é contraditória com o igualitarismo. Há, pois, uma forte aposta a fazer: na compreensão das diferenças, no apontar das boas referências e na exigência democrática.

“É impossível reformar a escola sem se trabalhar ao mesmo tempo na transformação da sociedade.”, diz António Sérgio.

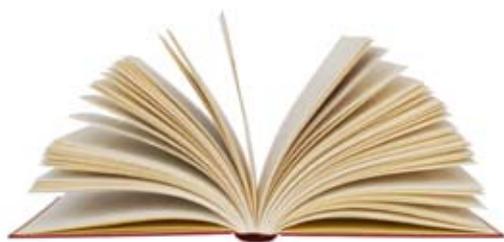
Contra a tirania da indiferença e o utilitarismo estreito, impõe-se educar, com rigor e humanidade. Não basta, porém, erigir a prioridade educativa. É preciso mobilizar a sociedade democrática e definir os objetivos, para sair da mediocridade e poder ter a capacidade de ir mais além e de sermos melhores, combatendo a exclusão e favorecendo a liberdade, o progresso, a justiça e a coesão social. Metaforicamente, a “bárbarie” contra que temos de combater é a ignorância, a facilidade, a intolerância, a indiferença e a injustiça. Unamos, pois, esforços neste combate de cidadania.” (G.Oliveira Martins 1998).

“Quem estuda e não pratica o que aprendeu, é como o homem que lavra e não semeia.” Provérbio árabe

A nossa civilização está em crise. E o sinal mais evidente é, sem dúvida, o colapso da nossa educação. Pela primeira vez na história, o homem revela-se incapaz de educar os seus filhos. As nossas prodigiosas descobertas em psicologia, as nossas iniciativas pedagógicas, tantas vezes interessantes e generosas, não tornam este diagnóstico mais fácil; bem pelo contrário, tornam-no ainda mais escandaloso. (...) É possível que esta desordem seja,

**“É impossível reformar a escola sem se trabalhar ao mesmo tempo na transformação da sociedade.”, diz António Sérgio.**

“Há cinco  
degraus para  
se alcançar a  
sabedoria: calar,  
ouvir, lembrar,  
agir e estudar.”  
Provérbio árabe



na verdade, a transição para uma ordem superior. É possível. Mas nada nos diz que assim será. Só nos resta uma alternativa: analisar lucidamente o que se passa (Olivier Reboul, 1974). In António Nóvoa (2002). “O espaço público da educação: Imagens, narrativas e dilemas”

“Há cinco degraus para se alcançar a sabedoria: calar, ouvir, lembrar, agir e estudar.” Provérbio árabe

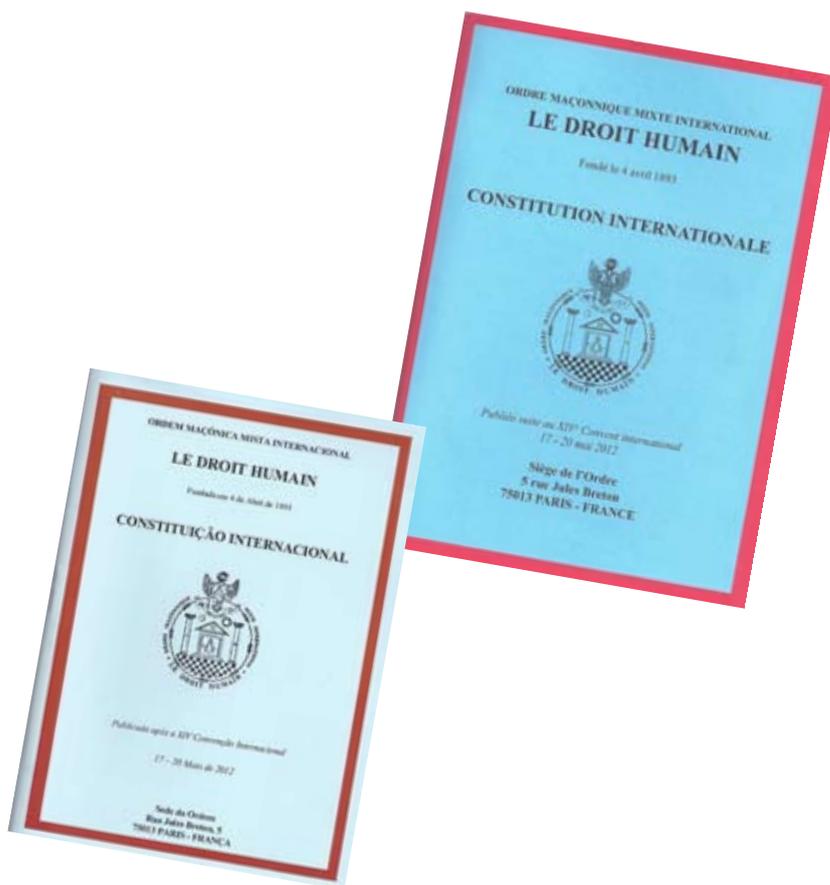
Seremos, nós maçons, capazes de estabelecer uma educação maçónica, fundada nos nossos valores e pilares de força, sabedoria e beleza?! Saberemos ser os guardiães de um saber muito antigo e transmiti-lo aos nossos descendentes?! Saberemos nós educarmo-nos, construir o nosso conhecimento de obreiros livres e construir o templo da sabedoria e do conhecimento, pilares fundamentais para uma sociedade mais perfeita, crítica e interventiva, ao mesmo tempo que tolerante e construtora de progresso social e económico, onde se faça a transmutação do ferro em ouro para todos? Calar os nossos tesouros simbólicos, ouvir os nossos Mestres com a humildade de Aprendiz, lembrar todos os seus ensinamentos, agir dentro e fora do templo, participar civicamente e estudar para nos desenvolvermos intelectualmente e termos o conhecimento e esse olhar crítico e lúcido para intervir construindo uma cidadania maçónica responsável e capaz de educare, isto é, conduzir os cidadãos que necessitem do nosso conhecimento, para juntos burilarmos a pedra tosca e bruta da ignorância.

Como diz Vítor Hugo, “Liberdade, Estado, Igualdade e Fraternidade, são as bases da Sociedade. Politicamente falando, não há mais do que um princípio - a soberania do homem sobre si mesmo. Essa soberania de mim e sobre mim chama-se Liberdade. Onde duas ou mais destas soberanias se associam principia o Estado. Nesta associação, porém, não se dá abdicção de qualidade nenhuma. Cada soberania concede certa quantidade de si mesma para formar o direito comum, quantidade que não é maior para uns do que para os outros. Esta identidade de concessão que cada um faz a todos chama-se Igualdade. O direito comum não é mais do que a proteção de todos dividida pelo direito de cada um. Esta proteção de todos sobre cada um chama-se Fraternidade. O ponto de intersecção de todas estas soberanias que se agregam chama-se Sociedade.

Ora, sendo essa intersecção uma junção, por consequência esse ponto é um nó. Daqui vem o que nós chamamos laço social. Dizem alguns «contrato social», o que vem a ser o mesmo, visto que a palavra contrato é etimologicamente formada com a ideia de laço. Vejamos agora o que é a igualdade, pois se a liberdade é o cume, a igualdade é a base. A igualdade, cidadãos, não é o nivelamento de toda a vegetação; uma sociedade de grandes cânulas de erva e pequenos carvalhos; um tecido de invejas; é, civilmente, a admissão de todas as aptidões; politicamente, o mesmo peso para todos os votos.” Tenho dito.

*M.J.T. da R.: L.: Estrela da Manhã*

# A Nova Constituição Internacional e a Declaração de Princípios



Na Convenção Internacional de 2012 foi aprovada uma nova Constituição.

Se é normal em todas as Convenções Internacionais serem debatidas e aprovadas ou recusadas propostas de alteração à Constituição em vigor, nesta última Convenção Internacional foi feita a aprovação de uma Constituição nova, ou seja, a proposta apresentada à votação foi da Constituição completa.

Antes, uma proposta desenvolvida nos anos anteriores por uma Comissão presidida pela então Grão Mestre, a muito Ilustre Irmã Danièle Juette e depois enviada às Federações para obter propostas de alterações, foi finalmente debatida por uma Comissão de Delegados à Convenção presidida pela Muito Ilustre Irmã Yvette Ramon, que debateram e aprovaram a versão final levada a votos e aprovada na Convenção Internacional de 2012.

Como decorre do Artº. 55º dos Regulamento Geral da Federação, todos os membros da nossa Ordem deverão possuir um exemplar da Constituição e, naturalmente, actualizada.

Também deve estar em destaque em todas as sessões de Loja, aberta na página da Declaração de Princípios, conforme o Artº. 43º do Regulamento referido.

Em seguida, publicamos a Declaração de Princípios da Constituição Internacional de 2012 e chamamos a atenção para as alterações do Artº. 6º, que naturalmente todas as Lojas implementaram nos rituais de todos os graus.

## **CAPÍTULO PRIMEIRO – DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS – DEFINIÇÃO DA ORDEM**

### **Artigo Primeiro – Fundamento da Ordem**

A Ordem Maçónica Mista Internacional LE DROIT HUMAIN afirma a igualdade do Homem e da Mulher.

Ao proclamar LE DROIT HUMAIN, a Ordem pretende que eles/elas venham a fruir em toda a terra, de forma igual, da justiça social numa humanidade organizada em sociedades livres e fraternas.

### **Art.º 2º - Finalidade da Ordem**

Composta de Franco-Maçons, homens e mulheres fraternalmente unidos, sem distinção de ordem social, étnica, filosófica ou religiosa, a Ordem impõe a si própria, para alcançar este objectivo, um método ritual e simbólico, graças ao qual os seus membros edificam o seu templo ao progresso e ao aperfeiçoamento da humanidade.

### **Art.º 3º - Princípios da Ordem**

Fieis ao princípio da laicidade, respeitadores da liberdade absoluta de consciência de cada um, os membros da Ordem trabalham para concretizar os princípios de liberdade, igualdade e fraternidade e para realizar para todos os seres humanos, o máximo de desenvolvimento moral, intelectual e espiritual, primeira condição para cada indivíduo alcançar a felicidade possível numa humanidade organizada fraternalmente.

### **Art.º 4º - Composição da Ordem**

A Ordem está organizada em federações, jurisdições e lojas pioneiras no seio das quais os franco-maçons que prestaram o juramento de respeitar a Constituição internacional do DROIT HUMAIN se reúnem em ateliers de qualquer grau que tenha recebido a sua carta constitutiva do Supremo Conselho da Ordem.

### **Art.º 5º - Objectivos da Ordem**

A Ordem não professa nenhum dogma e recusa todo o dogmatismo; trabalha na procura da verdade. Esta a razão por que nos ateliers as discussões ou debates relativos a questões políticas ou religiosas não poderão, em caso algum, ter outra finalidade que não seja a de esclarecer os membros e permitir-lhes cumprir os seus deveres de franco-maçons com melhor conhecimento de causa.

### **Art.º 6º - Invocações**

Os Ateliers da Ordem trabalham:

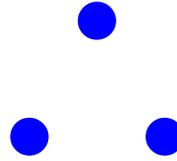
- “À Glória do Grande Arquitecto do Universo”;
- “Ao Progresso da Humanidade”;
- “Ao Progresso da Humanidade e à Glória do Grande Arquitecto do Universo”;
- À Glória do Grande Arquitecto do Universo e ao Progresso da Humanidade”.

Em todos os Ateliers da Ordem os trabalhos são abertos “Em nome da Ordem Maçónica Mista Internacional LE DROIT HUMAIN, sob os auspícios do Supremo Conselho”.

Em todos os  
Ateliers da  
Ordem os  
trabalhos são  
abertos “Em  
nome da Ordem  
Maçónica Mista  
Internacional LE  
DROIT HUMAIN,  
sob os auspícios  
do Supremo  
Conselho”.



# Abreviaturas Maçónicas



Característica da escrita maçónica, as abreviaturas dificultam a compreensão dos textos a quem as não conhece. Existem várias versões e naturalmente algumas variam com as diversas línguas.

Em seguida colocamos a lista de abreviaturas incluída nos momentos do grau de Aprendiz, publicados em 2012 pelo Conselho Nacional, que são entregues aos novos iniciados durante a cerimónia. *(Por ordem alfabética)*

## ABREVIATURAS

1º Vig.: 1º Vigilante

2º Vig.: 2º Vigilante

A.:N.: Areópago Nacional

Conv.: Convenção

C.:N.: Conselho Nacional

E.:V.: Era vulgar

Frat.: Fraternal, Fraternalmente

F.:Maç.: Franco-Maçonaria

Gr.: Diac.: Grande Diácono

Gr.: Exp.: Grande Experto

G.:I.:G.: Grande Inspector Geral

G.:M.: Grão Mestre

Hosp.: Hospitaleiro

Maç.: Maçonaria

M.: de Cer.: Mestre de Cerimónias

M.:Q.:Ia.: Muito querida Irmã

M.:Q.:I.: Muito querido Irmão

Orad.: Orador

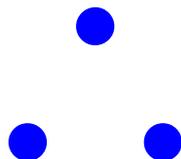
Pr.: Prancha (carta, trabalho escrito)

Reun.: de Com.: Reunião de Comissão

Reun.: Sol.: Reunião Solene  
R.: At.: Respeitável Atelier  
R.:L.: Respeitável Loja  
Secret.: Secretário  
S.:C.: Supremo Conselho  
S.:G.:C.: Soberano Grão Comendador  
Tes.: Tesoureiro  
V.:M.: Venerável Mestre

Acrescentamos ainda outras que não estavam na versão original em francês destes mementos e também usadas regularmente.

GGG.:III.:GGG.: Grandes Inspectores Gerais  
Iala.: Irmãs  
Il.: Irmãos  
Il.: I.: ou Il.: Ia.: Ilustre Irmão ou Irmã (para um titular do 31º ou do 32º grau)  
M.:Il.: I.: ou M.:Il.: Ia.: Muito Ilustre Irmão ou Irmã (para um Grande Inspector Geral, do grau 33º)  
M.:P.:G.:C.: Muito Poderoso Grande (ou Grão) Comendador  
M.:P.:S.:G.:C.: e G.:M.: Muito Poderoso Soberano Grande Comendador e Grão Mestre (título do Presidente, G.:M.: da Ordem Maçónica Mista Internacional “Le Droit Humain”)  
M.:R.:I.: ou M.:R.:Ia: Muito Respeitável Irmão ou Irmã (título dos membros do Conselho Nacional)  
Or.: Oriente  
Pres.: do C.: N.: Presidente do Conselho Nacional  
P.:S.:G.:C.: Poderoso Soberano Grande Comendador (título do Vice Presidente, G.:M.: Adjunto da Ordem)





# Poesia Maçónica

## A MINHA LOJA MÃE<sup>(1)</sup>

por Rudyard Kipling

E havia Hundle, o chefe da estação,  
E Beaseley, dos caminhos de ferro,  
E Ackman, Comissário,  
E Donkin das prisões,  
E Black, 1º sargento,  
nosso Venerável por duas vezes.  
E ainda o velho Frmjee Eduljee,  
Proprietário da Loja Europa.

Lá fora era “Sargento, Senhor, Salut, Salam!”  
Lá dentro “Meu Irmão”,  
E não fazia mal nenhum.  
Encontrávamo-nos em cima do nível,  
E nos despedíamos sobre o esquadro.  
Eu, ali, era o Segundo Diácono da minha Loja-Mãe!  
Tínhamos o Bola Nath, contabilista;  
E o Saul, judeu de Aden;  
E o Din Mohammed, da seção de cadastro também;  
Lá estava Babu Chuckerbutty,  
E o Amir Singh, o sikh,  
E Castro, o da oficina de reparos,  
Um católico romano.

A decoração do nosso templo não era rica,  
E a nossa Loja era velha e despida  
Mas nós conhecíamos os Antigos Landmarks  
E os sabíamos de cor.  
E olhando para esse tempos,  
Muitas vezes me parece  
Que não existem os chamados infiéis,  
À excepção, talvez de nós próprios.

Uma vez por mês, após os trabalhos  
Reuníamos para fumar  
(Não fazíamos ágapes, para não constranger os Irmãos de outras crenças),  
E cada um falava de religião e tudo o mais,  
E cada um comparava qual sabia melhor do seu Deus.

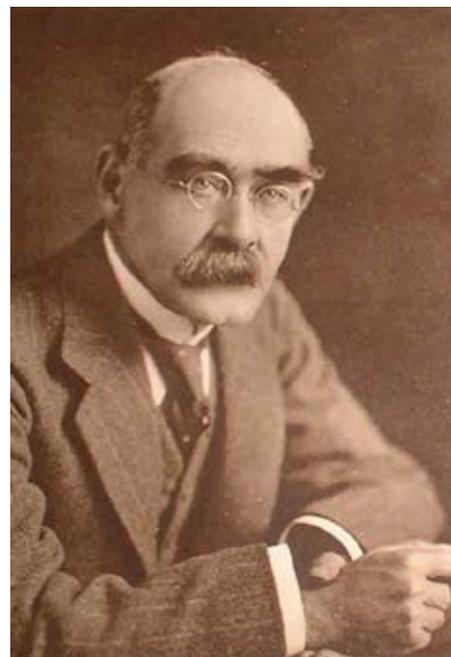
Um após outro, os irmãos pediam a palavra,  
E ninguém brigava até que a aurora nos separasse,  
Ou quando de manhã os papagaios acordavam os cucos da represa;  
E dizíamos que era muito curioso,  
E lá voltávamos a cavalo para casa para nos deitarmos com Maomé, Deus, e Shiva,  
Com estranhos pensamentos na cabeça.

Enviado a serviço do governo,  
Eu levava saudações fraternais  
Às Lojas a Oriente e a Ocidente,  
Conforme me mandassem da Kohat a Singapura.  
Mas sempre desejei rever meus irmãos uma vez mais na minha Loja-Mãe!

Como gostaria de os ver  
Irmãos negros e morenos,  
E sentir o perfume dos seus cigarros,  
e o acendedor de cachimbo a passar  
ou o mordomo ressonando na copa,  
como um Mestre feliz  
mais uma vez na minha Loja-Mãe

Fora era “Sargento, Senhor, Salut, Salam!”  
Lá dentro “Meu Irmão”, e não fazia mal nenhum.  
Encontrávamo-nos em cima do nível,  
E nos despedíamos sobre o esquadro.  
Eu, ali, era o Segundo Diácono da minha Loja-Mãe!

*(Versão de Manuel Garrido)*



Rudyard Kipling

(1) Poema “The Mother Lodge”, publicado em 1896 no livro de poemas de Rudyard Kipling “Barrack-Room Ballads”, segunda série.

